

Transitando entre a Diáspora e a Terra de Israel no romance *Mikan Umikan* de Yossef Haim Brenner

Transiting between Diaspora and the Land of Israel in the novel *Mikan Umikan*
by Yossef Haim Brenner

GABRIEL STEINBERG SCHVARTZMAN

Graduado em História. Mestre e Doutor em Língua Hebraica, Literatura e Cultura Judaica pela Universidade de São Paulo. Professor do Departamento de Letras Orientais da FFLCH/USP.

RESUMO *Mikan Umikan* (Daqui e de lá) é o primeiro romance de Brenner publicado na Palestina, em 1911. Brenner, integrante da segunda *aliá*, nasceu na atual Ucrânia, em 1881, e morreu na Palestina em 1921. Nesse romance, Brenner transita entre dois mundos: o mundo da tradição e da diáspora e o mundo novo que ele vê renascer numa terra antiga que lhe provoca dúvidas e questionamentos. Se até a época de Brenner a literatura hebraica apresentava uma visão idílica da Terra de Israel, nessa obra o autor a apresenta a partir de uma perspectiva realista. Sua obra se caracteriza por um profundo pessimismo em relação ao mundo que o rodeia.

PALAVRAS-CHAVE Sionismo; literatura hebraica; pioneiros; língua hebraica; Yossef Brenner.

ABSTRACT *Mikan Umikan* (From Here and From There) is the first novel by Brenner published in Palestine, in 1911. Brenner, who immigrated to Palestine in the second wave of immigration (Second Aliya), was born in the Ukraine in 1881 and died in Palestine in 1921. In this novel, Brenner moves between two worlds: the world of tradition and the Diaspora and the new world where he is reborn in an ancient land which presents him with doubts and questions. If until Brenner's time Hebrew literature presented an idyllic view of the land of Israel, in this work the author portrays the land from a realist perspective. His work is characterized by a deep pessimism in regards to the world surrounding him.

KEYWORDS Zionism; Hebrew literature; pioneers; Hebrew language; Yossef Brenner.

O mundo e o cotidiano de Brenner

NA HISTÓRIA DO POVO JUDEU EM ISRAEL NOS ÚLTIMOS 110 ANOS, UM LUGAR ESPECIAL é ocupado por pensadores e escritores que deixaram uma marca profunda sobre o país e cuja personalidade encantou o povo ao longo de várias gerações. Entre esses autores, que alcançaram um patamar de admiração tão elevado, encontram-se Yossef Haim Brenner e Aharon David Gordon. Os dois deixaram forte marca para a posteridade pela militância, discurso inflamado e ação que inspiraram numerosos seguidores. Os dois chegaram ao país ao longo da segunda onda imigratória, oriundos do leste da Europa e marcadamente influenciados por ideais socialistas e pelo desejo de agir com o intuito de influenciar os destinos do povo judeu, mostrando-lhe um novo recomeço. Ambos exerceram influência sobre os destinos sionistas e sobre a empreitada que esse movimento engendrou.

Yossef Haim Brenner, pioneiro da nova literatura hebraica, além de pensador e líder público, nasceu em 1881 no então Império Russo e morreu na Palestina em 1921. Ainda na Rússia, uniu-se à juventude socialista judaica, apesar de ter recebido uma

educação religiosa, tornando-se mais tarde um sionista convicto. Publicou seu primeiro conto em hebraico, *Pat Lechem* (“Uma rodela de pão”), no ano de 1900 no periódico *Hamelitz*.¹ Em 1904, saiu da Rússia devido à guerra Rússia-Japão e se estabeleceu na Inglaterra. Em Londres, afastou-se dos socialistas militantes e se aproximou dos escritores e intelectuais em língua hebraica, participou da edição do suplemento literário *Hameorer*² e filiou-se ao partido sionista socialista *Poalei Sion*. Em 1904, publicou o romance *Missaviv Lanekudá* (“Em torno do ponto”) no periódico hebraico *Hashiloach*³ de Odessa (atual Ucrânia), cujo editor, à época, era Haim Nacham Bialik, figura central da moderna literatura e poesia hebraicas. Cinco anos depois, em 1909, imigrou para a então Palestina, onde trabalhou, inicialmente, como agricultor – o que durou apenas sete dias. Não suportando o árduo labor, passou a dedicar-se à literatura de cunho ideológico, além de ter se transformado em ensaísta, crítico, tradutor, redator e poeta. Influenciado pelo decadentismo,⁴ Brenner deixou em seus escritos uma marca característica de sua época: um profundo pessimismo em relação ao mundo, à vida e às transformações pelas quais passava o povo judeu tanto na diáspora como na Palestina. Em sua obra, ele se mostra um ardente defensor do sionismo, porém um veemente crítico do Movimento Sionista, assim como dos judeus de sua época. Seus personagens são céticos, inseguros, sem rumo e, em sua maioria, flutuam entre a loucura e a morte prematura. O judaísmo é apresentado por Brenner de forma negativa, quase tão crítica que é possível traçar um tênue paralelo entre a maneira como ele apresenta seus personagens e os autores antissemitas europeus de então. O judaísmo é mostrado de forma decadente e muitas vezes agonizante, precisando urgentemente ser repensado e modificado desde a base.

Brenner foi um dos primeiros escritores de sua geração a expressar a crise nacional e social do indivíduo judeu angustiado diante do mundo hostil e estranho que o rodeia e que não o aceita, onde o herói de sua narrativa enfrenta uma crise existencial, doenças do corpo e da alma e peregrina de lugar em lugar à procura de um objetivo que lhe devolva uma certa paz. O herói de Brenner vive um forte conflito interno, pois encontra-se enclausurado na Área de Residência, território no qual os judeus do Império Russo foram confinados pelas leis czaristas de 1795 e 1835. Mas não é somente o mundo exterior que o enclausura, é a própria existência miserável, tanto econômica como espiritual, que o oprime e o marginaliza.

Brenner pertencia a uma geração de escritores que nasceu no Leste da Europa e dali peregrinou pelo mundo judaico até chegar à Palestina. Os escritores dessa geração se decepcionaram diante da pobreza cultural de seu povo, ocupado apenas com a sobrevivência econômica, numa época de desesperança motivada também pelo avanço do antisemitismo na Europa Central e na Oriental e pelo aumento da perseguição legal e institucional das autoridades do Império Russo, que chegava a um período de profunda ruptura e que se valia dos judeus como um depositário dos males que o afligiam. Os escritores de língua hebraica contemporâneos de Brenner pareciam encontrar-se diante de uma cultura em ruínas, sem leitores, num período de carência econômica e cultural na passagem do século XIX para o século XX. Ao contrário de Bialik e Klausner, que sustentavam que a escrita dos jovens escritores da época sinalizava o renascimento da literatura hebraica, Brenner sustentava que essa literatura mostrava uma realidade de decadência e de desmoronamento (SHAKED, 1977, p. 361). Brenner ainda via com descrença a possibilidade do acordar da língua

hebraica, pouco utilizada no mundo judaico. Mesmo assim, abandonou a Europa e, em 1909, engajou-se na empreitada sionista na Palestina.

Como crítico, tanto na Europa – onde editou os suplementos literários *Hameorer* (Londres, 1906-1907) e *Revivim* (Lvov, 1908-1909) –, como na Palestina – onde editou o suplemento *Haadamá*⁵ (Jaffa, 1919-1921) –, Brenner se sublevou contra o passado diaspórico judaico, ao qual ele não creditava qualquer importância. Para ele, a existência judaica na diáspora tornou os judeus um povo parasitário, pois tirou deles qualquer capacidade produtiva. A diáspora, para Brenner, foi um período de profundo sofrimento histórico. Somente a vida produtiva poderia salvar o povo da miséria física e intelectual na qual se encontrava espalhado pela dispersão. Ele chegou a questionar: “O que devemos fazer nós os judeus? Como deveríamos viver? Como deixar de ser um povo parasita em todos os sentidos? Como devemos adquirir condições de criação produtivas? Como deixarmos de ser os filhos do gueto?” (SHAKED, 1977, p. 367)

Anita Shapira, biógrafa de Brenner, afirma que, tendo chegado à Palestina, à época da 2ª *aliá*⁶, em 1909, Brenner fez parte de um grupo que se tornou preponderante na formação do etos sionista socialista, em especial na formação do etos colonizador como um componente central e dominante da cultura do *Ishuv*⁷. A maior parte dos que chegaram nessa onda imigratória provinham da Área de Residência e o apego que sentiam a ideias assimiladas do arsenal revolucionário russo era inquestionável. Brenner fez parte do grupo de idealistas que tudo sacrificavam, até a própria vida, em prol da nacionalidade que estava sendo reconstruída. Ele estava convicto de que o homem devia não apenas acreditar na ideia da redenção nacional, mas também viver segundo essa crença. Dessa forma, Shapira sintetiza o pensamento de Brenner e afirma que:

Para ser um bom sionista não era suficiente acreditar na ideia sionista, era preciso ir para *Eretz Israel* e lá, na Terra de Israel, não era suficiente acreditar na importância do retorno do povo ao trabalho agrícola, era preciso criar um grupo de trabalhadores agrícolas hebreus que fossem semelhantes aos *mujiques* russos que trabalhassem a terra com suas próprias mãos, porque a terra somente pertence a quem nela trabalha. Estas ideias foram a tradução hebraica das ideias que rondavam o panorama da cultura russa da passagem do século XIX para o XX, o mundo no qual Brenner se inseria. (SHAPIRA, p. 209-210)

Desde a publicação do primeiro romance hebreu da era moderna, de autoria de Abraham Mapu, em 1853, a nova literatura apresentava a vida dos judeus na Palestina com imagens idílicas carregadas de romantismo e de exotismo. Brenner, em seu romance *Mikan Umikan*, de 1911, quebra essa leitura para apresentar um panorama realista muitas vezes carregado de visões negativas exageradas, às vezes descabidas. Ele introduziu na literatura hebraica um choque de realidade, pois sua escrita era geralmente feia, agressiva, carregada de contradições, de decepções e de falta de perspectivas, o que caracterizou, de certa forma, os imigrantes da 2ª *aliá*, muitos dos quais, confrontados à dura realidade, acabaram se decepcionando com o país em ruínas e o abandonaram. Somente os que perseveraram permaneceram, mas, destes, muitos foram embora deixando para trás o projeto sionista, sendo vistos como traidores que abandonaram tudo procurando uma vida mais confortável na diáspora. Brenner tinha uma visão crítica e muitas vezes devastadora de sua realidade. Sobre os trabalhadores hebreus, ele chegou a dizer que mesmo os que desejavam ser agricultores não tinham nenhum preparo e por isso estavam destinados a fracassar.

Assim:

A crise que nos atinge é inerente a um povo ao qual faltam habilidades para viver de forma adequada. Nossos agricultores são agricultores entre aspas e ainda duplas aspas. O intelectual hebreu que vem morar aqui procura uma nova existência, uma vida completa que o implique no trabalho físico imbuído do cheiro do campo. Mas ao passar de alguns dias, constata por si mesmo que ele próprio não tem preparo e nem habilidade para nenhum desses trabalhos. (BRENNER *apud* TSAMERET, p. 9)

Brenner tornou-se figura de admiração devido à mudança que ocorreu em sua personalidade e ideias na Palestina, ou seja, ele vivenciou a passagem do sonho à decepção com a dura realidade que o país vivia nas primeiras décadas do século XX, mas decidiu permanecer no lugar e forjou o conceito de “e a pesar de tudo, é preciso persistir”, uma afirmação e confirmação de que se devia continuar enfrentando aquela realidade sombria, na qual as mudanças ocorriam de uma forma muito lenta. Brenner, que segundo Agnon “santificou sua vida com a morte prematura”, transformou-se num escritor de renome. Entretanto, ao ser extremamente realista, sua narrativa era, em geral, devastadora. Agnon volta a mencionar Brenner no seu romance *Tmol Shilshom* e, nesse escrito, cita a percepção que se irradiou no *Ishuv* em 1909 com a chegada de Brenner ao país: “Ao mesmo tempo em que a alegria se instalou pela chegada de um escritor renomado, no entanto, nem todos os que ouviram esta notícia se contentaram pois muitos já sabiam que esse escritor não tinha o hábito de deixar de criticar tudo aquilo que seus olhos viam.” (AGNON, 2005, p. 176)

A atividade de ensaísta e editorialista de Brenner se estendeu ao longo de dezesseis anos (1905-1921) e foi um período onde grandes dilemas e problemas afligiram o povo judeu, tanto na Rússia como fora deste território, e em todos esses episódios marcantes Brenner se envolveu com forte retórica, a saber: a revolução de 1905 na Rússia, a 2ª *aliá*, o período da Declaração Balfour de 1917 e a conquista da Palestina pelos ingleses. A todos esses grandes episódios, Brenner se reportou. Ocupou-se também com as grandes ondas emigratórias que partiram do Império Russo devido aos *pogroms*; com o desenvolvimento do movimento sionista; com as organizações trabalhistas tanto na Palestina quanto na diáspora; com as questões culturais, tal qual a disputa que se originou a partir de 1908 entre os defensores do ídiche e do hebraico como línguas nacionais; e com a essência e o futuro do judaísmo frente aos dilemas da modernidade que acometiam o povo judeu às vésperas da eclosão da Primeira Guerra Mundial e após a mesma.

Brenner revelou-se um militante ideológico que usava a literatura para veicular suas convicções. Esse lado se acentuou a partir de 1919, quando conseguiu criar seu próprio periódico, o *Haadamá*, como já mencionado, onde ele pregava que os fatos do cotidiano não deveriam apenas ser noticiados ao leitor. Todo jornal deveria agir de forma a tomar posições claras para que os leitores fossem orientados a tirar suas próprias conclusões a respeito dos eventos políticos e sociais que se sucediam no seio do povo judeu, que vivenciava então uma era de grandes transformações dentro de um cenário mundial também conturbado. Todo jornal, para Brenner, devia não apenas noticiar e informar, mas, acima de tudo, tomar posição para criar mudanças (WERSSES, 1984, p. 174).

Essa militância se viu refletida em suas criações ficcionais. Em sua obra literária, Brenner inseria figuras do mundo real na ficção tamanha a repercussão que esses personagens alcançaram em vida. Ele costumava se valer de personagens com sinais autobiográficos que os identificavam ou levavam o leitor a identificá-los com personagens reais, e o próprio Brenner – ou alguém com as mesmas concepções – pode ser reconhecido como personagem de suas próprias obras. Para Nurit Govrin, Brenner costumava inserir em suas obras personagens com sinais autobiográficos facilmente reconhecíveis, assim como criava personagens literários a partir de modelos da vida real que ele mesmo conhecia. Para Govrin, não há dúvidas de que a personagem Ariê Lapidot, do romance *Mikan Umikan*, é a representação literária de Aharon David Gordon e de que o narrador do romance é o próprio Brenner, pois é uma das características mais marcantes do autor a transposição do real e do imaginário (GOVRIN, 1984, p. 98).

Os contos de Brenner abrem a possibilidade de serem lidos como um misto de ficção e realidade em torno da biografia do próprio escritor. Brenner insere, em três de seus grandes textos, elementos de sua própria biografia. Assim, em *Mikan Umikan*, o romance aqui analisado, apresenta toda a trama a respeito da chegada a *Eretz Israel* de um escritor hebreu que sofre no país uma grande decepção, tanto com a empreitada sionista na qual se engajou como com relação ao cotidiano atrasado e ainda devastado. Segundo Menahem Brinker, para descrever essa realidade dura, Brenner tendia a confundir o leitor, inserindo nas narrativas personagens importantes do mundo real:

Sander Baum é modelo para a personagem Davidovsky no romance *Hahoref* (O inverno), Chaya Wolfson serve como modelo para a personagem

Chava Blumin no romance *Missaviv Lanekudá* (Em torno do ponto) e Aharon David Gordon é o modelo que o inspirou na criação da personagem Ariê Lapidot no romance *Mikan Umikan*, (BRINKER, 1984, p. 151)

O romance *Mikan Umikan*

Mikan Umikan (Daqui e de lá), de 1911, é o primeiro romance publicado por Brenner na Palestina (BRINKER, 1984, p. 151). Brenner é integrante da segunda onda imigratória, que foi considerada como o elo mais importante na formação do etos sionista socialista na moldagem da figura do novo hebreu – o colonizador enraizado na terra ancestral como figura central da nova sociedade. Falando ídiche e russo, mas escrevendo literatura hebraica, Brenner transita entre dois mundos: o mundo da tradição e da diáspora e o mundo novo que ele vê renascer numa terra antiga e nova que lhe provoca dúvidas e questionamentos quanto ao sucesso dessa caminhada. Se, até a época de Brenner, a literatura hebraica tendeu a apresentar uma visão idílica da Palestina, o autor faz uma tentativa de mostrar esse lugar a partir de uma perspectiva realista.

Seu romance se caracteriza por apresentar uma estética modernista de frustrações, dilemas e contradições que eram próprios dos pioneiros colonizadores, os homens e as mulheres da segunda *aliá*. No romance, percebe-se uma identificação entre a posição ideológica assumida pelo narrador e a posição do próprio autor, elemento característico em outras obras de Brenner. *Mikan Umikan* reflete os dilemas de um mundo em transição que abala os judeus da Europa Oriental, atingidos por *pogroms* e, por outro lado, pelo progresso da modernidade, que questiona o mundo da tradição. Os personagens principais da obra – o narrador anônimo, seu amigo David Diasporin e também Ariê

Lapidot – peregrinam entre Rússia, Polônia, Estados Unidos e Palestina sem encontrar, ao certo, um ponto final ou uma resposta ao dilema da existência judaica: como conciliar tradição e modernidade?

O romance trata da busca desesperada do judaísmo europeu na virada do século XIX e início do século XX por uma solução para a existência judaica. O mundo da tradição estava em crise por causa dos *pogroms* e da repressão política, assim como pelo avanço de processos globais como a modernidade e o capitalismo, que se chocavam com os ideais socialistas na Europa do Leste e na Palestina. A geração de Brenner foi repelida das pequenas aldeias adormecidas da Rússia e se viu confrontada a questões concretas que tinham implicações econômicas, filosóficas, ideológicas e existenciais: para onde ir? Onde no mundo será possível plantar raízes para uma vida judaica renovada? Palestina, Argentina, Estados Unidos ou Europa Ocidental? Ou ainda, permanecer na Rússia e lutar para mudar o regime opressor vigente ou sair e abandonar a via socialista?

No romance, esses dilemas transitam na narrativa. Seus personagens vagam e peregrinam e, em todos os lugares, voltam a surgir os mesmos questionamentos: Qual é o lugar do judeu na nova ordem mundial? Qual é o preço individual que cada um está disposto a pagar pela sua escolha? Qual é o significado da tradição e dos valores identitários coletivos judaicos na nova vida? Os personagens do romance transitam alquebrados, sem rumo nesse embate, entre o dever nacional com o coletivo e a não realização pessoal. Os ideais e a realidade se confrontam o tempo inteiro. No romance, o narrador anônimo recebe a denominação de Oved Etzot (perplexo, desesperançado, desorientado) e, como seu nome insinua, decepciona-se com a experiência sionista na terra ancestral.

Ele mesmo encontra-se no leito do hospital, convalescente dos males da Palestina. Seu amigo David Diasporin (que após transitar da Rússia para os Estados Unidos chega à terra almejada, onde deseja ser um artista, um comediante e ator) também está dividido. Mas como ganhar a vida com uma profissão, ou com essa profissão, se toda a vida nesse lugar é uma comédia que mais se assemelha a uma tragédia?

Ao denominar o narrador como Oved Etzot, Brenner leva o leitor, talvez de forma proposital, a imaginar que essa personagem é a representação literária do próprio escritor, que na vida real mostrava-se desesperançado em relação à vida circundante. Assim, Oved Etzot é um entusiasta imigrante que chega à Palestina e que acredita que nesse lugar alcançará uma solução para sua vida de judeu diaspórico no marco da redenção total da vida da nação, mas esse entusiasmo se desvanece ao longo da narrativa. O encontro com a realidade do país escureceu seu mundo. Por outro lado, e ao contrário da ficção, a chegada de Brenner não esteve acompanhada de todas as nuances dramáticas que marcaram a chegada de Oved Etzot ao país. Contrariamente a seu herói ficcional, Brenner chegou sabendo de antemão de tudo o que Oved Etzot iria encontrar nesse lugar. Ele também chegou sem o compromisso de permanecer no país e até cogitou largar tudo, mesmo após a publicação de *Mikan Umikan*. Porém, a convivência com o núcleo humano duro que encontrou (formado por idealistas abnegados) e o trabalho literário que ali pôde desenvolver demoveram-no da ideia de abandonar definitivamente aquela terra.

Outro personagem de destaque, além de Oved Etzot, Ariê Lapidot, e figura desejável, refere-se à representação literária de um dos ícones da 2ª *aliá*, Aharon David Gordon. Da mesma maneira que Gordon, Lapidot chegou à Palestina aos 50 anos e

entregou-se de corpo e alma ao trabalho agrícola, pois via nessa opção a única alternativa para uma redenção moral para o povo como um todo. O que move Lapidot é o apego à terra. Ele encarna a figura emblemática do Gordon real, que assim se referia à necessidade do retorno ao trabalho braçal no solo ancestral:

Um povo que esteve totalmente dissociado da natureza, que durante dois mil anos viveu aprisionado entre muralhas, que se habituou a todas as formas de vida menos a uma vida de trabalho, não pode se converter novamente num povo vital, natural e trabalhador sem direcionar toda sua força e vontade a um fim. Nós carecemos do elemento fundamental, carecemos do apego ao trabalho, não do trabalho fruto da necessidade, senão do trabalho ao qual o ser humano está orgânica e naturalmente ligado, do trabalho por meio do qual um povo se arraiga em seu solo e em sua cultura. (BRENNER *apud* AVINERI, p. 177)

No romance, o trio de personagens: Diasporin, Oved Etzot e Ariê Lapidot são o reflexo de um esquema claro. Representam três posturas diferentes: aquele que abandona a empreitada sionista e retorna para a diáspora; aquele que se mostra indeciso, que sofre diante de tantas incertezas e decepções; e aquele que decide ficar mesmo diante de grandes dificuldades e nem cogita abandonar a empreitada sionista trabalhista. Palestina e tudo o que nela ocorre é o tema da narrativa, que não trata da vida de Brenner naquele lugar. *Mikan Umikan* não é um romance sobre Brenner e Aharon David Gordon, mas sim sobre personagens que têm uma trajetória que se inspira, em parte, nesses personagens reais.

Os três personagens do romance são desafiados pelas dificuldades do lugar: o narrador encontra-

se prostrado pela gripe e pelo esgotamento num leito de hospital na empoeirada Jerusalém. Diasporin abandona o país à procura de um novo destino, atitude que é criticada pelo narrador, que, mesmo indeciso em relação ao futuro, diz:

A psicologia do errante que tanto causou discussão entre os sionistas quando estes afirmaram: de Uganda eles fugirão porém de *Eretz Israel* não, mostrou-se errônea. Esta afirmativa é desmentida pela realidade pois nem com a Palestina o judeu que aqui chega se conecta, ele está disposto a abandoná-la com total facilidade. Muito foi falado a respeito do laço de dois mil anos entre o povo disperso e sua pátria, porém todos nós temos visto os filhos das *moshavot* (das colônias agrícolas), os que nasceram nesta terra, com que facilidade e desprendimento eles viajam daqui, não há neles nenhum laço com a terra pátria. (BRENNER, 1984, p. 51)

Somente Ariê Lapidot, sua esposa Hinda e seu neto Amram insistem em permanecer naquela terra, mostrando que, apesar de tudo, ainda existe uma pequena chance de renovar a existência judaica moral e espiritualmente na Palestina. Lapidot, um homem que se criou no mundo da tradição e que fora rabino de uma cidade russa pago pelo governo do Czar (mas que largou essa profissão por não concordar com os princípios desta nomeação religiosa), representa para o narrador a concretização do renascimento nacional: ele abandonou o discurso e, guiado pelos ventos da *Haskalá* e da modernização, foi até a Palestina para realizar uma mudança com suas próprias mãos. Somente ele é feliz. Ele é o realizador, o transformador da realidade. Ele, Lapidot, diz aos que querem escutá-lo:

Sejamos alegres sem discursos, o mais importante

é a alegria na vida, sejamos alegres por estarmos aqui. O verdadeiro sionista é o que aqui se encontra e o que não está aqui não é um sionista. No entanto, os que estavam a sua volta não quiseram acreditar na alegria de Lapidot e não prestaram atenção a suas palavras. (BRENNER, 1984, p. 59)

O narrador se propõe a contar sobre a vida na Palestina, mas admite que o que ele descreve não é a *Eretz Israel* que o leitor espera encontrar. O narrador inicia o romance deitado no leito de um hospital e, mesmo que diga ter vinte e nove anos, apresenta-se como um judeu doente e envelhecido. Chegou entusiasmado, mas o desânimo e a decepção o deixaram num estado lastimável. Internado, tem tempo de fazer uma retrospectiva de sua vida. Ele se lamenta por não ter feito grandes viagens e diz que nem esteve na África, mas que dedicou sua vida a escrever para ganhar o sustento com sacrifício. O narrador encara a triste vida de um escritor hebreu numa época onde poucos conseguiam ler literatura hebraica. No leito do hospital, recebe uma carta de seu amigo David Diasporin, vinda de Chicago. Diasporin era seu amigo ainda na Rússia, um jovem de família abastada que se tornou um militante socialista, mas que se decepcionou e partiu dali para a Galícia, entre a Polônia e a Ucrânia, da Galícia para os Estados Unidos, dos Estados Unidos para a Palestina, e da Palestina voltou para Chicago.

Diasporin, como muitos judeus de sua época, foi à Palestina, mas lá abandonou a empreitada sionista. Sua trajetória, na narrativa, começa aos 18 anos de idade, quando aderiu ao socialismo na Rússia. O pai de David, Bonan Diasporin, não militava no socialismo, mas comungava com seus ideais. Ariê Lapidot era tio de David Diasporin, irmão de sua falecida mãe. David Diasporin desconfiava do nacionalismo europeu em geral e do sionismo em particular e mostrava-se incrédulo

quanto à solução que esses projetos políticos apresentavam. O narrador explica a seu amigo que sua visão de nacionalismo era um pouco diferente da que prevalecia na época. Para o narrador, falar de nacionalismo com sua carga ideológica e política era algo para o qual o judeu não estava preparado, pois, mesmo estando lá na Palestina, o “estar lá” por parte da maioria dos judeus era somente um estar físico, e não uma nova existência. O nacionalismo judaico, segundo o narrador, tinha outra perspectiva, que era a seguinte:

Quando eu lhe explicava que sou sionista, não me refiro ao renascimento do espírito ou ao renascimento da nação hebraica e sim a uma saída. Me refiro à aspiração de sair do gueto. Renascimento e ressurreição são palavras mágicas porém não há lugar para elas entre nós. Não há lugar entre nós para um movimento de renascimento nacional. Nós não somos a Itália. Minha concepção sionista diz que chegou a hora da parte mais capaz e habilidosa do povo de Israel de parar de morar no meio dos outros e de culpá-los por todos os males. Os jovens do povo de Israel precisam conhecer a seu povo no passado e no presente. Há centenas de anos que nós moramos entre os poloneses. Por centenas de anos estes cuspiram em nossos rostos e nós nos limitamos a limpar o cuspe, pois esta é a índole do nosso espírito. Chegou por tanto, a hora de nos valorizarmos. Nós não somos merecedores de honra. Nós somente poderemos nos orgulhar se aprendermos o segredo do trabalho. Será que esse dia chegará? Somente então poderemos recobrar a nossa honra, somente então deixaremos de ser parasitas se conseguirmos um lugar em nossa terra para nele trabalhar. O trabalho nos redimirá, esta é a nossa única esperança. É preciso ir para lá, emigrar e começar a trabalhar na terra. (BRENNER, 1984, p. 12-13)

Entretanto, por ironia do destino, o próprio narrador não resistiu ao árduo labor na terra e adoeceu. O sonho do retorno ao trabalho agrícola não se realizou. Por isso, ele volta ao trabalho de escritor e passa a escrever no periódico hebraico *Hamahreshá* (O Arado) na cidade de Jaffa. E, como escritor, o narrador se dedica a descrever a dura realidade que enxerga na terra dos antepassados, no lugar onde supostamente, em 1911, estaria ocorrendo o renascimento nacional. A realidade que ele vê na Palestina é perturbadora e assim descrita:

Existe aqui um público de alguns milhares de judeus espalhados e desorganizados. O que aqui se vê é o mesmo gueto de sempre com todos os seus atributos: ócio, pobreza, uma mistura de línguas, as mesmas profissões tipicamente judaicas, a dependência de estrangeiros, uma minoria dentro da maioria, medo dos vizinhos, emigração e estranheza do lugar. Nesta pequena terra predomina o abandono. Esta terra está destruída, é pobre, sua cultura é ridícula de tão insignificante, seus nativos são semi-selvagens, enfim, um deserto abandonado e inóspito, assim é esta terra. O que ao final de contas, nos une a ela? (BRENNER, 1984, p. 24-25)

A seguir, o narrador se questiona: Onde deve estar o povo judeu? Este é o grande dilema na narrativa do romance, assim como é um tema recorrente das outras narrativas de Brenner. O narrador esboça uma resposta a esse dilema quando diz que se trata do grande dilema da existência judaica apesar de todas as dificuldades: “eu estou me esforçando, apesar de tudo tentei me iludir, encher minha alma com sentimentos que me liguem a esta pátria” (BRENNER, 1984, p. 25).

A única figura que desperta no narrador admiração é Ariê Lapidot, que abandonou a Rússia e,

já com idade avançada, decidiu transformar-se em agricultor na terra, por séculos abandonada da Palestina. Aqui, como já foi mencionado, é forte a semelhança que existe entre essa figura ficcional e a figura real de Aharon David Gordon. Lapidot é um judeu exemplar e digno de ser imitado. A respeito dele, o narrador diz:

Ariê Lapidot mora aqui, vive uma vida dura porém original, uma vida impoluta e exemplar. Ele que tinha mais de cinquenta anos trabalhava em todo tipo de tarefas que nem ele e nem seus antepassados conheceram: amassava uvas, colhia laranjas, limpava os estábulos e os pátios. Sua casa muito simples possuía um telhado firme mas as paredes careciam de tinta e de reboco. Ao retornar de um longo dia de trabalho, ele ainda se dedicava a consertar as paredes se sua humilde casa. (BRENNER, 1984, p. 40)

Ariê Lapidot torna-se uma figura quase que mística aos olhos do narrador, alguém que abandonou um mundo decadente e abraçou com sinceridade e apego um projeto, uma outra realidade. O narrador questiona Diasporin a respeito de Lapidot quando diz: “Você viu suas mãos calejadas, suas mãos cansadas de um árduo operário? Estas são as mãos de Michelangelo, Diasporin, sim, as mãos de Michelangelo”⁸. No entanto, Lapidot, aos olhos do narrador, é uma exceção, pois a maior parte dos judeus pioneiros são vistos com certo menosprezo e como seres indignos, que simplesmente mudaram de lugar físico, mas que trouxeram para a Palestina todos os defeitos e vícios da dispersão milenar. Esta é a descrição que o narrador volta a fazer a respeito deles:

Eis que eles vieram aqui para este país do Oriente distante e estranho, um grupo de pessoas de

baixa estatura e pálidos em sua aparência. Eles dizem que querem ser agricultores e operários, e a maioria deles chama a si mesmos de pioneiros, de idealistas. Aparentemente este esforço é bonito e nobre da parte deles, aparentemente há nisto um ato de coragem e força de vontade. Mas isto tem fundamento? Todo este panorama teria fundamento se para aqui tivessem vindo homens fortes não movidos por idealismos. Mas estes que chegaram após passar por tormentos, estão fadados a morrer de tanto esforço, pois estas pessoas ao igual que todos os judeus da diáspora, tem força na boca mas não nas mãos. Entre todos eles apenas algumas dezenas não se contentam com falatórios e efetivamente dedicam-se a trabalhar. (BRENNER, 1984, p. 42)

Para o narrador, é uma ilusão seguir a crença no movimento sionista, pois a imigração à Palestina resulta apenas da política de agitação ideológica entre os judeus da Europa. Para ele, é um desejo antinatural querer transformar o judeu em agricultor, e por isso, não vislumbra sucesso para a empresa sionista e se coloca de uma maneira negativa ao descrever os trabalhadores judeus que se autoproclamam pioneiros:

Os hebreus não são operários no verdadeiro sentido da palavra. Existem sim, alguns 'exemplares' que são bons operários por acaso, que qualquer criança pode contá-los com os dedos de uma mão, porém não existem operários hebreus. Isto já ficou demonstrado nos últimos trinta anos. Mas de onde poderíamos nós ter verdadeiros operários hebreus? De onde surgirá no seio do nosso povo aquele tipo ideal de operário agrícola? Um ativista não pode ser transformado em operário. O operário agrícola, não podemos esquecer, em todos os países ele aparece nos últimos lugares

da escala social. O hábito ao longo de centos de anos treinou suas mãos para fazer seu trabalho de forma correta e disciplinada. Isto nunca ocorreu nem pode ocorrer com o ativista judeu que veio até aqui em nome de um ideal. Querer imaginar que é possível transformá-lo em agricultor ou em operário é uma visão tão antinatural, tão impossível, pois este desejo é apenas o produto de idealismo, de política e de uma grande agitação. (BRENNER, 1984, p. 50-51)

O narrador é crítico perante toda ideologia. A revolução no mundo judaico, acredita, deveria ocorrer na esfera do pensamento e da razão e, mais do que isso, no mundo da ação. O narrador faz contundentes críticas tanto do plano de Herzl – que apregoava pela colonização da Palestina –, quanto do plano de Ahad Haam – que pregava pela criação, antes, de um centro espiritual que depois poderia absorver os judeus do restante do mundo:

Não somente a solução política e econômica da questão judaica mostram-se uma ilusão, a grande colonização em *Eretz Israel* também o é. Por outro lado, a ideia do renascimento do povo judeu por meio da criação de um pequeno centro espiritual na nossa pátria histórica é uma proposta muito simplória, pois como um pequeno assentamento de alguns milhares de judeus que não se destacam em nada nem sobressaem em nada, poderiam assim, repentinamente, servir como um centro aglutinador para milhões de irmãos espalhados por todo o mundo? (BRENNER, 1984, p. 52)

Nesse ponto, o narrador deixa o leitor sem alternativa. Tudo em sua visão é destruição e indica falta de futuro. Porém, em oposição a sua visão amargurada sobre a empreitada sionista, Ariê Lapidot, o velho e confiante agricultor-operário,

ainda mantém e esperança na redenção, ao menos no plano pessoal. Seu filho Tzvi Lapidot e seu sobrinho David Diasporin abandonaram o país para procurar um novo rumo na diáspora. Lapidot não desanima, e seu pequeno pronunciamento mostra confiança num futuro ainda incerto: “Para que os discursos? Devemos nos alegrar porém sem discursos, o importante é a alegria na vida... devemos nos alegrar... devemos nos alegrar por estarmos aqui. O verdadeiro sionista é o que se encontra aqui. Quem não está aqui não pode ser chamado de sionista.” (BRENNER, 1984, p. 59)

Com a aproximação do fim da trama, o narrador reconhece que não há saída, não há para onde fugir e, apesar de todas as dificuldades, não cogita abandonar o país, como muitos judeus naquela época faziam após se confrontarem com a dura realidade do local. Novamente, o discurso do narrador se aproxima do discurso do próprio escritor, mais uma marca da forte tendência nas obras de Brenner de confundir narrador com autor. Mas retornando à narrativa, o narrador assim se coloca ao final da trama:

É preciso viver, sim viver. É bom para o ser humano fixar moradia num só lugar, sentar e plantar raízes num só lugar. É preciso estar num lugar, permanecer aqui, não há para onde ir, não é possível mais errar para outro lugar. Aqui é difícil viver mas aqui é preciso ficar, é preciso aqui morrer, não há outro lugar para nós. (BRENNER, 1984, p. 65)

No final do romance, o narrador se solidariza com o caminho escolhido por Lapidot e enxerga uma tênue luz que sinaliza que ainda é possível salvar o povo de sua existência miserável, encontrando uma leve esperança de mudança. No seu discurso, é possível enxergar este anelo:

A vida é ruim, no entanto sempre carregada de mistérios, a morte é negativa. O mundo encontra-se em conflito mas ele também é variado e as vezes até bonito. O ser humano é infeliz, porém de vez em quando ele pode ser fantástico. Para o povo de Israel, pelas leis da lógica não há futuro. No entanto, é preciso trabalhar. Enquanto a alma resiste, há metas a serem alcançadas e há momentos de elevação. Viva o trabalho, viva o trabalho hebreu! (BRENNER, 1984, p. 64)

Em 1911, Brenner negava-se a acreditar que o sionismo acabaria sendo bem-sucedido. Para ele, os verdadeiros sionistas não iam para a Palestina, eles esperavam que o milagre acontecesse. Palestina, naquele momento, era mais um elo das várias diásporas judaicas espalhadas pelo mundo, e não a redenção. Segundo o narrador de Brenner no romance aqui analisado, em cada diáspora surgirá um tipo de salvação e, juntando essas pequenas salvações, é que virá a redenção do povo judeu:

Na Rússia surgirão judeus firmes que saberão se entregar de corpo e alma pela santificação de suas vidas, na Galícia judeus de bom coração que saberão ter aspirações por uma realidade melhor, na América surgirão judeus práticos com objetivos claros, em Eretz Israel judeus ligados à pátria e amantes do trabalho no campo. E todos eles se unirão influenciando uns aos outros. A diáspora é um fato terrível e mesmo assim, nós os filhos de Israel devemos perseverar unidos através de uma educação nacional livre, ajuda mútua, uma luta pela vida por todos os meios apesar dos nossos inimigos e de todos aqueles que nos odeiam, uma guerra pelo nosso direito de fincar raízes em todo lugar onde isso for possível. Esta deve ser a nossa autodefesa. Mas para o futuro eu ainda quero mais: eu desejo que

se fale na língua dos judeus – hebraico dentro do possível em *Eretz Israel*. Quero uma literatura hebraica capaz de nos unir a todos, sem fanatismos e sem opressões. Dentro do nosso grupo não devem existir guerras entre partidos e nem uma luta de classes sociais. Todos nós somos um só partido e um só Estado: todos nós somos judeus. (BRENNER, 1984, p. 68-69)

Tudo em volta de Brenner era decepção, mas, mesmo assim, ele se apegou à Palestina: “aqui é preciso ficar, não há outro lugar para onde ir, esta é a última parada, a última estação da existência judaica” (BRENNER *apud* TSAMERET, p. 10). Brenner renegava o passado com todas as suas forças e almejava um novo começo. Tudo devia ser criado do zero. Um novo Gênesis para um povo antigo. Com sua rebelião absoluta, sonhava em criar um novo povo, um novo judeu erez-israelense que fosse a antítese do judeu diaspórico. Sonhava com uma revolução desde os alicerces da existência judaica. Por esse motivo, foi venerado depois de sua morte pelos ideólogos sionistas que almejavam, como ele, criar uma nova experiência em Sion, distante dos séculos de dispersão judaica carregada de infortúnios e estereótipos não desejáveis.

NOTAS

1 *Hamelitz* (O Conselheiro) – foi um periódico hebraico publicado na Rússia entre 1860 e 1904. Neste jornal escreveram também Achad Haam e I.L.Gordon.

2 *Hameorer* – Suplemento literário em língua hebraica publicado em Londres entre os anos de 1906 e 1907. Brenner foi um de seus editores. Nesse suplemento, apareceram publicados textos literários dos mais destacados escritores hebraicos da época, como Dvora Baron, Gershon Shofman, Yaakov Fichman e Micha Yossef Berdichevsky, assim como a tradução para o hebraico de obras da literatura inglesa.

3 *Hashiloach* – Periódico mensal em língua hebraica criado por Ahad Haam em Odessa em 1896, cuja linha editorial se opunha com veemência à língua ídiche, considerada um jargão. Em 1920, passou a ser editado em Jerusalém, até que parou de circular em 1927.

4 Decadentismo: corrente literária surgida no final do século XIX ligada ao Simbolismo. A estética decadentista surgiu como uma reação ao Naturalismo e se destacou por uma profunda descrença no progresso e na felicidade, exaltando os sentimentos de pessimismo na realização humana.

5 *Haadamá* (A terra) foi um suplemento literário editado mensalmente por Brenner a partir de 1919 até seu assassinato em 1921. Fazia parte do jornal do movimento político de cunho operário Achdut Haavodá, chamado *Kuntzas*. Brenner foi o único editor e ensaísta do suplemento, mesmo sem fazer parte do incipiente partido político mencionado. O nome escolhido para o suplemento tinha um significado forte para seu editor: “a terra é a fonte e a origem da vida e do crescimento, fonte da renovação e origem da verdade humana”. Numa linguagem clara, pois era destinado para os novos operários hebreus, Brenner publicou contos de autores que eram seus conhecidos, como Yaakov Fichman, Gershon Shofman e Yehuda Burlá, além de textos sobre filosofia e ciências, especificamente: agricultura, irrigação e higiene pessoal.

6 A 2ª *aliá* foi a segunda onda imigratória para a Palestina que se estendeu entre 1904 e 1914. Nesse período, chegaram ao país por volta de 40 mil imigrantes, em sua maior parte oriundos da Europa Oriental.

7 *Ishuv* – (Lit.: “comunidade, coletividade”) refere-se à comunidade judaica estabelecida na Palestina no período anterior ao estabelecimento do Estado de Israel.

REFERÊNCIAS

- AGNON, SCH. I. *Tmol Shilshom*. Tel Aviv: Schocken, 2005.
- AVINERI, Shlomo. *La Idea Sionista: notas sobre el pensamiento nacional judío*. Jerusalém: La Semana Publicaciones, 1983.

BRENNER, Yossef Haim. *Mikán Umikán* (Daqui e de lá).

Disponível em: <http://benyehuda.org/brenner/mikan1.html>.

Acesso em: 06 mar. 2013

BRINKER, Menahem. Lesheelat aotobiografiut shel sipurei Brenner (Em relação à questão autobiográfica nos contos de Brenner). In: DURMAN, Menahem e SHAVIT, Uzi (Organizadores) *Machbarot Brenner* (Os Cadernos de Brenner). Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1984.

EISIKOVITS, Gili. Mi atá Yossef Haim Brenner? (Quem é você Yossef Haim Brenner). *Haaretz*. Disponível em: <http://www.haaretz.co.il/gallery/literature/.premium-1.26310291>.

Acesso em: 10 maio 2015

GOVRIN, Nurit. Yossef Haim Brenner kedmut bayetzirá hassifrutit (Yossef Haim Brenner como personagem na obra literária). In: DURMAN, Menahem e SHAVIT, Uzi (Orgs.). *Machbarot Brenner* (Os Cadernos de Brenner). Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1984.

SHAKED, Gershon. *Hassiporet haivrit – 1880 – 1970* (Hebrew Narrative Fiction), v. 1. Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad and Keter, 1977.

SHAPIRA, Anita. *Yehudim, tsionim umá shebeneiem* (Jews, Zionists and in between). Tel Aviv: Am Oved, 2007.

SHAPIRA, Anita. *Brenner: Sipur Haim* (Brenner: A Life). Tel Aviv: Am Oved, 2008.

TSAMERET, Tzvi. Gordon uBrenner: Lidmutam shel shnayim “minotnei hatorá” shel haalyiá hashniyá (Gordon e Brenner: a imagem de dois dos “líderes da Tora” da 2ª aliyá).

Disponível em: <http://tarbut.cet.ac.il/showitem.aspx?itemID=3d06b1c8-f23f-4210-88>.

Acesso em: 06 mar. 2013

WERSES, Shmuel. Hapublistsistika shel Yossef Haim Brenner (A respeito da atividade ensaística de Yossef Haim Brenner). In: DURMAN, Menahem; SHAVIT, Uzi (Orgs.). *Machbarot Brenner* (Os Cadernos de Brenner). Tel Aviv: Hakibutz Hameuchad, 1984.